

Fábulas Portuguesas

Memória, História e Literatura
na formação do discurso de Ourique



Sidnei Santana Pereira

Universidade Federal Fluminense
Centro de Estudos Gerais
Instituto de Letras
Coordenação de Pós-graduação
Mestrado em Letras
Área de Concentração: Literatura Portuguesa

SIDNEI SANTANA PEREIRA

FÁBULAS PORTUGUESAS

**Memória, História e Literatura
na formação do discurso de Ourique**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Niterói /RJ
2º semestre de 2001**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Concentração: Literatura Portuguesa).

Orientador: Professor Doutor Mário César Lugarinho

Niterói, RJ, 06 de fevereiro de 2002.

Banca Examinadora:

Professor Doutor Mário César Lugarinho – Presidente
Universidade Federal Fluminense

Professora Doutora Maria Lúcia Wiltshire
Universidade Federal Fluminense

Professora Doutora Simone Caputo Gomes
Universidade Federal Fluminense

Professor Doutor Silvio Renato Jorge – Suplente
Universidade Federal Fluminense

DEDICATÓRIA

À imagem de guerreiro com que meu pai me seduziu
quando menino e que me legou como inspiração para
a vida do homem.

A minha mãe: mulher corajosa e persistente que me
ensinou a emoção silenciosa dos dias.

Aos meus filhos, Ariadne e Renan e Janaína Helena,
herdeiros e construtores de minha emoção.

RESUMO

A batalha de Ourique, ocorrida em julho de 1139, constitui-se como discurso fundamental para a formação do sentimento nacional português.

Para isso, tem sido utilizada, desde as primeiras crônicas, para demonstrar a importância de Portugal no projeto divino e como instância afirmativa da independência política dessa nação frente ao império espanhol.

Ao empenharem-se os cronistas em narrativas fundamentadas no elemento mítico, incorrem na negação da História, posto ser o Mito atrelado à ideia de um tempo circular que foge à percepção do tempo contínuo que a História determina.

A oposição Mito e História, que logra forçar um diálogo aparentemente impossível, termina por estabelecer um modo bastante particular de identificação dos portugueses com seu passado: no lugar de uma ciência histórica, uma história literaturizada, de componentes estranhos, mas enriquecedores.

Daí a relevância da Literatura como mediadora da relação possível entre os portugueses e sua história.

RESUMEN

La batalla de Ourique, ocurrida en julio de 1139, se constituyó como discurso fundamental para la formación del sentimiento nacional portugués.

Para eso, ha sido utilizada, desde las primeras crónicas, para demostrar la importancia de Portugal en el proyecto divino y como instancia afirmativa de la autonomía política de esa nación frente al imperio español.

Al empeñarse los cronistas en narraciones basadas en el elemento mítico, inciden en la negación de la historia, puesto que el mito conlleva a la idea de un tiempo circular que huye a la percepción del tiempo continuo que la Historia determina.

La oposición Mito e Historia, que logra forzar un diálogo aparentemente imposible, termina por establecer un modo bastante particular de identificación de los portugueses con su pasado: en lugar de una ciencia histórica, una historia literaturizada, de componentes extraños, pero enriquecedores.

De ahí la relevancia de la Literatura como mediadora de la relación posible entre los portugueses y su historia.

SUMÁRIO

Dedicatória	3
resumo	4
Resumen	6
Sumário	1
Apresentação	3
1. O empenho da memória: narração e identidade em Portugal	6
1.1. Ourique e Identidade: a divina pátria	6

“A realidade efetiva de um povo é aquela que ele é como ator do que chamamos História. Mas o conhecimento – em princípio impossível ou inesgotável – da realidade de um povo enquanto autoconhecimento do seu percurso, tal como a historiografia o propõe decifrar, não cria nem pode criar o sentido desse percurso. Não é a pluralidade das vicissitudes de um povo através dos séculos que dá um sentido à sua marcha e fornece um conteúdo à imagem que ele tem de si mesmo. A História chega tarde para dar sentido ao seu itinerário. Só o pode recapitular. Antes da plena consciência de um destino particular – aquela que a memória, como crônica ou História propriamente dita, revisita –, um povo é já um futuro e vive do futuro que imagina para existir. A imagem de si mesmo precede-o como as tábuas da lei aos Hebreus no deserto. São projetos, sonhos, injunções, lembrança de si mesmo naquela época fundadora que uma vez surgida é já destino e condiciona todo o seu destino. Em suma, mitos.”

Eduardo Lourenço. *Mitologia da Saudade*.

APRESENTAÇÃO

Representar a cultura como um projeto de sentido coletivo implica invariavelmente na compreensão dos elementos constitutivos de sua ação. Para isso, torna-se imprescindível coadunar os campos do conhecimento que os abrigam.

Nesse sentido, Literatura e História são muitas vezes coadjuvantes estreitamente unidos diante da finalidade única de dar conta de todo manancial da vontade, dos sonhos, das crenças, das esperanças, enfim da concepção de destino comum que permite a existência de um espírito nacional.

Em Portugal, essa relação se torna tanto mais expressiva quando verificamos, mesmo após a sistematização das narrativas pátrias empreendida por Fernão Lopes, ainda após Alexandre Herculano – decerto com menor intensidade –, uma interdependência que se pode apresentar na formulação seguinte: Literatura que se nutre do corpus histórico em concomitância com a História que há de recorrer imprescindivelmente às fontes literárias.

Compreendeu-o bem Teófilo Braga ao defender

que “A severidade da crítica histórica não exclui uma clara interpretação do fundo de realidade que existe nas lendas e tradições”¹

Observou-o em rica leitura Eduardo Lourenço ao expor as múltiplas marcas de Portugal como destino².

Daí a motivação essencial a esse trabalho: compreender o exercício de construção de identidade que move o povo português.

Para tanto, nos remeteremos à batalha de Ourique, que funda a nação portuguesa ao consagrar a figura do rei Afonso Henriques, apontando algumas leituras que desvendem não apenas o evento histórico, mas ainda sua influência na autoimagem pátria, em que os mundos, divino e profano, se conjugam na dicotomia fé e realidade mundana.

Nessas leituras, atentaremos para o discurso constituído na obra *Monarquia Lusitana*, que muito revela do desconcerto entre verdade – e discutiremos o valor “verdade” – e ficção na cultura portuguesa.

¹ Braga, Teófilo. *História do Romantismo em Portugal*. Apud QUADROS, António. (I) 1969, p.92.

² Cf. Lourenço, Eduardo. 1999.

Ao aludir à História, nos reportaremos à origem, observando a influência intensa do mito e as diferenças essenciais entre tempo histórico e tempo mítico.

Enfim, resultaremos na percepção dos percursos ideológicos que surgem de contextos definidos onde se pode flagrar a apropriação do mito como elemento de motivação das ações pátrias frente a momentos de incerteza e desprazer, não obstante a fértil condução desse discurso matricial, apossado pelo imaginário popular português.

1. O EMPENHO DA MEMÓRIA: NARRAÇÃO E IDENTIDADE EM PORTUGAL

1.1. Ourique e Identidade: a divina pátria

A batalha de Ourique³, notável acontecimento da história de Portugal, constitui-se como discurso de engendramento-reengendramento da identidade nacional portuguesa em um moto-perpétuo que muito diz da relação de seu povo com outros povos, realidades e culturas e com sua própria formulação como organismo social e político no tempo e no espaço, tanto importando sua dimensão geográfica na península ibérica, onde

Compreende-se mal que o pequeno reino de Portugal do século XII tenha resistido ao destino comum de todos os pequenos reinos de Ibéria, seus

³ Travada entre portugueses e mouros, com vitória daqueles, ocorrida em 1139 e que tem sua peculiaridade no fato de ali acontecer a aclamação de D. Afonso Henriques como rei de Portugal, o que a torna, segundo alguns autores, marco do surgimento de Portugal como nação.

contemporâneos ou anteriores, como os reinos de Aragão, de Castela e Leão, ou do condado da Catalunha, incorporados com o tempo à «grande Espanha»

Quanto importando também sua dimensão temporal-atemporal, em que o futuro, numa situação a-histórica, de um miticismo mediado pela escatologia cristã, se inscreve acorrentado no passado pela crença inabalável em um destino.

A constituição desse discurso, que mistura indistintamente os mundos divino e profano, numa conjunção de fé e realidades mundanas, funda uma imagem única baseada na inabalável crença do eleito na ordem crística, a cumprir pragmaticamente seu destino.

Por um lado, o sofrimento atribuído aos defensores da fé, àqueles que por livre arbítrio se dispõe ao altar do sacrifício – ainda que protegidos por escudos simbólicos, como a saudade, que muito diz de

seus mecanismos de redenção⁴; por outro, à espera da compensação divina, qual seja o cumprimento das promessas do Quinto Império, a pátria universal, a Civitate Dei profetizada por Santo Agostinho, projeto final de Deus para a humanidade.

Essa concepção para a história da humanidade, aliás, merece atenção, já que exerce enorme influência no pensamento historiográfico português, ao menos até Alexandre Herculano. Santo Agostinho, ao rejeitar as teorias de eternidade do mundo, conclui que Deus criou o mundo e que este caminha para um fim onde retorna ao Criador, por isso o tempo é linear e limitado, dividindo-se em seis épocas distintas: a primeira, a que ocorre entre Adão (ou a Criação) e o Dilúvio; a segunda, que vai de Noé (ou do Dilúvio) até Abraão; a terceira, de Abraão a David; a quarta, de David ao cativo de

⁴ Afinal, “Saudade subentende, naturalmente, memória [...] A memória é a autonegação do presente, o seu esquecimento vivido, voluntário ou involuntário, que idealmente nos proporciona um passado (ou o passado) como tal, idêntico na sua manifestação, na sua relação com a consciência, ao presente suspenso, apesar do sentimento de irreabilidade de que se acompanha. A memória oferece-nos assim o que passou como se existisse ainda, a fantasia como pura invenção o que não existe, e a imaginação o que não existe como se realmente existisse.” (LOURENÇO, Eduardo. 1999, p.32).

Babilônia; a quinta, do Exílio a Jesus; a sexta, e que remete à remissão final, é a época que se estende após o advento do Salvador até o juízo final. Até esse momento vive-se a Civitas Terrena, a realidade profana, temporal e destinada à morte. Após isso, a Civitate Dei, eterna, iluminada pela Verdade:

Damos o nome de Cidade de Deus, de que dá testemunho a Escritura, àquela que rendeu à sua obediência, não por movimentos anímicos fortuitos, mas por disposição da soberana Providência, todos os engenhos humanos, com a garantia de autoridade divina superior aos espíritos de todas as nações. (...) Deus fundou-a para sempre.⁵

A crença em ser a pátria eleita para representar a cidade de Deus, imagem dos portugueses *para os portugueses*, de todo modo inscrita em séculos de

⁵ AGOSTINHO, Santo. 1990, p.103.

existência, seria de importância capital durante o período da ocupação espanhola iniciada em 1580, porquanto estabelecida a partir de um modo de ser e de reagir aos fatos que demonstrar-se-ia “capaz de anular todas e quaisquer contrariedades”⁶, havendo de assim servir de motivação à luta pela recuperação da autonomia nacional; autonomia realizada afinal em 1640.

⁶ LUGARINHO, Mário. 1999, p.363.